

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.621

Domingo, 9 de Março de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

A ordem de cortar o cabelo a quem a polícia bem entenda constitue uma ilegal e uma maneira ignóbil de deprimir pessoas que não pode continuar.

REVOLTA E REVOLUÇÃO

Enquanto o primeiro facto nasce da tirania e da exploração que vitimam a humanidade, o segundo facto produz-se naturalmente pelo desenvolvimento da inteligência dos indivíduos

Não raras vezes, as classes burguesas accusam-nos de escalarismos, habilitados, com o sentimento popular, se não fossemos nós, o espírito de revolta latente que grava por todo o país não estaria tão cultivado como está...

Em primeiro lugar, agradeceremos reconhecimentos as honras calvinistas que nos conferem; em segundo, não podemos deixar de lamentar, do fundo da nossa alma de homens, que os senhores capitalistas, em cujo meio privado há tanta pessoa ilustre, tenham um raciocínio tão espartado...

Certamente são consequências daquele estado mórbido em que o seu desassossego lhes ascende das precipitadas pulsações do coração para os delírios febris do cérebro avariado...

O espírito de revolta cultiva-se por si mesmo no íntimo das massas. Não é o moço brandão de ideias subversivas que cria revoltas; são os revoltados que levam os homens inteligentes da actualidade, como já levaram os do passado, a coligirem as suas ansias de liberdade nos princípios filosóficos, sociológicos, económicos e estéticos que hoje sinceramente advogamos...

O espírito de revolta provém das necessidades da vida, do instinto de conservação. Quanto mais as necessidades da vida forem atacadas; quanto mais o instinto de conservação for contrariado pelos factores económicos, sociais, políticos, psicológicos, etnográficos, técnicos e culturais—tanto maior o desenvolvimento do espírito de revolta a alargar o círculo efectivo dos descontentes, ainda que a avalanche sempre crescente se pretenda opor um dique de violência ditatorial.

A cultura, a técnica, a psicologia, etnografia, a sociologia económica e política do capitalismo imperante não reconhecem o direito à vida das classes trabalhadoras. Justificam que as classes burguesas, que as castas oligárquicas detentoras de toda a produção alheia, de toda a riqueza social, o devam ter direitos e deveres, enquanto, pelo outro lado, juridicamente, embora num falso terreno jurídico, determinam que as camadas empobrecidas, espoliadas, e sem terem deveres e não direitos...

Como nasce a revolta? Quem atea a revolta? Todo o conjunto de circunstâncias que infelicita a humanidade; todos os tiranetes e exploradores que concorrem para a formação desse conjunto de circunstâncias. Resulta daqui que todas as vítimas do capitalismo e do Estado, as quais também possuem coração e libras, estabelecem, em contraposição, variadas correntes de revolta. Cada indivíduo, açoitado pelas injustiças, pelas perseguições, pelos reveses, numa palavra: pelas impossibilidades de viver feliz e livremente como era seu desejo, estranhamente sente que todo o seu ser sofre uma íntima convulsão. Gradual e naturalmente o seu estado psíquico transforma-se, modificando-o por completo...

Essa diferente revolta individual agravada pela transmissão das outras revoltas dos seus semelhantes, vai junta-se à indignação geral, que constitui uma corrente intencional a magnetizar os povos...

Logo que os povos surgiram no planeta, procuraram lidar as armas e todos os processos para se defenderem da fúria atacante e se recatarem, o mais eficazmente possível, das perturbações atmosféricas e terráqueas dos elementos em tempestade.

Pois bem: logo que apareceu o primeiro assombração, que ela consinta em se deixar guiar pelo Partido Comunista, eis tudo o que podemos exigir dela.

A massa, escusa de saber o que é a doutrina comunista. Limita-se a fazer de alimária obediência à rédea do cocheiro, que é o partido comunista, para puchar a charrette vermelha da revolução mundial.

O monopólio do revolucionarismo pertence ao Partido Comunista Português visto que a revolução russa foi dividida em partes proporcionais pelos organismos que mandaram uma adesão a Moscova, à Internacional Comunista, em envelope fechado. Essa adesão habilita Carlos Ratos a trazer no bolso a fogueira russa, a torná-lo revolucionário com carácter permanente, mesmo quando durma, mesmo quando tenha de ir ao teatro. A revolução russa fornece por meio de um carimbo alegórico que mete martelo e foice, atestado de perfeito revolucionário com 21 meticulosos pontos de conduta.

Nós preferimos ser modestos: não temos revoluções no bolso, mas o que fizemos resalta de um esforço directo. E isso é preferível a fazer-nos sócios da revolução russa com lucro evidente para a nossa vaidade, mas sem nenhum resultado efectivo para o proletariado.

O proletariado quando vir anunciada uma sessão de propaganda dos sócios portugueses da revolução russa, vulgo Partido Comunista, não deve lá ir. Sabo porquê? Não sabe? Então ouça o que diz o «Comunista»:

«A massa não está preparada para quê? Para aprofundar a doutrina comunista? E quem pôs-nos em levá-la a esse ponto? Que a massa se mostre disposta a agir,

o primeiro vigarista, o primeiro impostor e o primeiro tirano a escravizar os povos, também a seguir os mesmos povos se foram rebelando contra a ordem nascente de predomínio...

Alto medo dos primitivos povos, que os levou a juntarem-se contra a fauna que os atacava, e a reflectirem sobre a melhor maneira de se resguardarem das intempéries, acrescentou-se a indignação, a revolta—que igualmente é um receio pela perda da vida, pelo futuro duramente ameaçado. A um instinto de conservação, adstringiu-se outro instinto de conservação.

Assim como no anterior caso os homens mais inteligentes e de coração mais sensível foram interpretando o sentir e as necessidades gerais, efectuando as mais extraordinárias invenções, assim no segundo, pelo decorrer dos tempos evolutivos, os homens mais inteligentes e mais humanistas foram estudando nas aspirações dos escravos todas as teorias filosóficas, ideológicas, económicas e sociais—perfectibilizando-as, arrancando-as do seu cadinho utópico para a concretização do corpo de doutrinas realizáveis, em obediência às investigações científicas e da história dos primeiros agregados humanos, e em harmonia com a própria ética natural...

Chegados à soma do tempo ideológico dos nossos dias, nós, que estudamos os grandes mestres e que observamos consoante pudemos os fenómenos psicológicos, políticos, económicos e sociais da quadra que o mundo vai atravessando—afirmamos que não somos os que cultivamos a revolta popular, pela simples razão de que somos uma completa modelação dessa mesma revolta, visto que atingimos um mais alto grau do seu conhecimento.

Nós não fomentamos a revolta especulando com a miséria dos nossos irmãos de sofrimento; nós não agimos a revolução, procurando canalizar o descontentamento de todo o povo para uma unanimidade, ou antes: uma homogeneidade de objectivos a atingir.

A revolta é um protesto, uma revanche, uma explosão de cólera contra os cansadores de todo este mal estar colectivo e individual que nos assitia, mas que não sempre descontentada, desconexa e contraproducente se não houver quem, no meio dela, levante bem alto o Ideal da libertação humana, quer no terreno material, quer no terreno moral.

Não queremos com isto dizer que condenamos a revolta popular. Não. Queremos tão sómente significar que quanto maior compreensão o povo tiver, nos seus múltiplos aspectos, da sua revolta, maior utilidade terá a sua acção, mais corados de êxito serão os seus esforços...

É para que esse conhecimento se torne mais profundo: é para que esses esforços não resultem uma simples sublevação logo sufocada, embora rica de ensinamentos e de exemplos, que nós trabalhamos para que a organização operária se desenvolva o mais latamente possível no sentido libertário, porque quanto mais libertária for a cultura popular, mais perfeita será a revolta transformada em Revolução, mais completa será a Revolução, porque mais profundamente a sociedade será remodelada—em todas as suas bases autoritárias, políticas e económicas...

Não ateamos, pois, a revolta; propagamos a Revolução—o que é mais bem diferente...

Clemente Vieira dos SANTOS

OS BOATOS

O redactor principal de «A Batalha» foi ontem chamado ao governo civil

Teem circulado nos últimos dias e com bastante intensidade boatos que marcavam assaltos aos estabelecimentos. Ontem nalguns pontos da cidade chegou a acreditar-se que na Baixa, as portas onduladas dos estabelecimentos tinham sido forçadas e indignada a multidão deles tirava precipitadamente os géneros de que necessitava e que o seu elevado custo, tornou inaccessíveis.

Como não andamos metidos dentro de nenhum saco, demos pela existência desses boatos tanto mais que eles circulavam por todos os pontos da cidade. Não deixamos contudo de pôr os nossos leitores de sobreaviso, dizendo-lhes entre outras coisas que... «o anúncio antecipado de assaltos aos estabelecimentos faz pensar num *truc* policial destinado a fornecer pretexto a qualquer premeditada violência».

O rector principal deste jornal, o nosso camarada Carlos José de Sousa foi ontem chamado ao governo civil tendo ali ouvido da parte do chefe do distrito, dr. sr. Felipe Mendes e do comandante geral da policia sr. Ferreira do Amaral a afirmação de que seria bom «A Batalha» não dar curso a boatos. A entrevista foi cortez de parte a parte. O redactor principal deste jornal expôs que «A Batalha» não alimentava os leitores com boatos e referiu-se largamente à orientação que este jornal tem tomado, citando vários artigos que aqui tem vindo a lume.

Há realmente uma grande atmosfera de intranquilidade e foi dela que os boatos brotaram. Contudo parece-nos ocioso dizer mais uma vez que nada temos ou queremos ter com eles. Não deixaremos porém de repetir que a classe operária se deve pôr de sobreaviso contra possíveis manjões ou represões.

Quanto aos assaltos, que a darem-se, são a consequência lógica do exaspero em que se encontram os consumidores, toda a gente sabe que os agentes capazes de os provocarem compõem a Associação Comercial e outras sociedades; das denominadas forças vivas.

As crianças de Cezimbra seguem hoje para suas casas

Como dissemos, é hoje que os filhos dos marítimos de Cezimbra voltam para junto de seus pais. Por ocasião da greve dos marítimos daquela localidade, a respectiva Federação de Indústria apelou para a solidariedade das camaradas a fim de tomarem conta de crianças filhas dos grevistas, de maneira que não fôsse tam doloroso o sacrificio de seus pais na luta travada contra os armadores, que se negavam a atender as suas justas reclamações.

Essa solidariedade não se fez esperar, e muitas crianças, embora isso custasse a seus pais, saíram de suas casas e foram entregues ao cuidado de camaradas, onde tem passado este tempo. Por essa ocasião, criaturas mal intencionadas propagaram o boato de que as crianças viriam para Lisboa a fim de serem entregues à mendicância. Essa atoarda não conseguiu desfazer os humanitários intuitos da Federação Marítima que demonstrou aos boateiros a nenhuma razão das suas perversas intensões. As crianças tem sido tratadas com um carinho admirável e nem outra coisa era de esperar das pessoas que delas tomaram conta e que só o fizeram no desejo de serem humanos, prestando um extraordinário culto à solidariedade.

As crianças vão hoje para Cezimbra. Não será fácil descrever a ansiedade com que seus pais as esperam e a desilusão que sofrem aqueles que pretendiam desvirtuar um belo acto de solidariedade.

O embarque effectua-se no Caio do Sodré, às 9 horas, sendo as crianças transportadas em góndolas da Cooperativa dos Catraeiros até Caeilhas e dali em caminhões para Cezimbra.

O Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército enviou à Federação Marítima a quantia de 187\$30 para os marítimos de Cezimbra.

Carreiras aéreas
ROMA, 8—Fundou-se nesta cidade uma companhia com enormes capitais para organizar os serviços aéreos entre Brindisi e Constantinopla.

SALVADOR SEGUI

Evoca-se uma excepcional figura de revolucionário que a burguesia criminosamente liquidou e cuja memória a hipocrisia de tiranos e aventureiros afronta

A história do proletariado espanhol tem as suas datas inolvidáveis, datas que nos recordam os lances dessa imensa tragédia que se desenrola há anos e que tem grande número de vítimas e de sacrificios conta. A vaga de sangue e de fogo tem aniquilado as figuras de maior relevo do movimento revolucionário, ao lado daquelas que são igualmente aniquiladas, no báfeto do obscuro heroísmo, são vítimas imoladas ao terror burguês, que, dominado pelo fanatismo mais intolerante e por uma falsa inspiração divina, exercem uma feroz repressão contra todo o pensamento rebelde.

Salvador Seguí foi uma dessas vítimas. Era das maiores figuras do movimento revolucionário. Possuía uma inteligência privilegiada, assimilável e todos os conhecimentos da ciência e da arte, e isto residia a sua extraordinária cultura mental. O seu espírito era elevado e a sua sensibilidade bastante requintada; e estas duas altas qualidades, reforçadas pelo seu poderoso raciocínio, facultavam-lhe um inalterável equilíbrio na acção que desenvolvia pela causa do proletariado.

A sua morte, ocorrida a 10 de Março—há um ano—foi uma perda profundamente sensível para o proletariado revolucionário.

Toda a vida de Salvador Seguí foi uma bela afirmação do revolucionário humano e justo. No movimento operário de Espanha foi entusiasta organizador, o guia e o defensor da classe espoliada, o propulsor de grandes acontecimentos.

O seu espírito de justiça, sempre flagrantemente assumiu uma excepcional ascendência. A sua eloquência assumiu a reacção despolítica, empolgou a multidão insubmissa, apagou os espíritos mesquinhos e transviados. Enquanto se formava sobre a sua cabeça dominadora, uma auréola de universal prestígio, acumulou em volta da sua vida, ódios criminosos e fúrias.

Em pleno terrorismo, sabendo que ninguém o compreenderia, apresentando o perigo que poderia aniquilá-lo, condenou essa luta inglória das represálias e das violências, que cobria toda a Espanha dum largo manto de sangue e de tragédia.

A sua actividade no campo revolucionário, intensa e fecunda, não o abstraiu uma só vez das suas aspirações profundamente espirituais. Persistia, com o mesmo espírito de sacrificio, com o mesmo almas bem formadas sabem sentir, no estudo das questões que importam à humanidade, nunca se detendo no exclusivo da estrutura intelectual, no conceito estúpido da nossa época, que Salvador Seguí viu completamente inutilizada a sua inteligente ambição pelo ódio torvo do burguês e pela incompreensão rochosa do vulgo. O ingresso de Seguí no Ateneu foi impedido. Não ficou, porém, diminuída a forte mentalidade do revolucionário.



Salvador Seguí

Uma forte estrutura intelectual, no conceito estúpido da nossa época, que Salvador Seguí viu completamente inutilizada a sua inteligente ambição pelo ódio torvo do burguês e pela incompreensão rochosa do vulgo. O ingresso de Seguí no Ateneu foi impedido. Não ficou, porém, diminuída a forte mentalidade do revolucionário.

Estava vingada a burguesia. E que formidável vingança, cujo êxito veio servir os mais variados interesses. A trágica realidade parecia demonstrar o predomínio brutal da matéria sobre o espírito.

Dado o corpo aos vermes, apagado o brilho da sua inteligência, Salvador Seguí, o «Noy» querido de tantos, foi exaltado hipocritamente por todos aqueles que odiavam a sua obra, que ansiavam destruir a sua herança. A burguesia, repugnante na sua pegoção, apregoeou a extraordinária mentalidade do seu inimigo implacável. Os políticos de todo o jaez, os que reprimem, os que oprimem, os que ameaçam e os que mantêm, cobriram a memória do seu adversário irreconciliável de palavras pretensiosas, que ocultam a sua infame alegria por uma aparente vitória. E entre os políticos que mantêm, há os que cometem a afronta de considerarem o saudoso Noy seu amigo, seu perdidório. Como o formidável espírito do grande revolucionário consegue ainda tornar ridículos estes embusteiros!

Só sabem chorar e evocar a memória de Salvador Seguí os homens que sentem a ansia de esmagarem implacavelmente uma sociedade degenerada e opressora, com o generoso intuito de ganharem para a humanidade a liberdade e a justiça que ela reclama há séculos—e que só se conquista sem transigências e sem transições ilusórias.

ESPAÑA

As tropas não avançam

MADRID, 8—O comandante em chefe das forças que operam em Marrocos comunica de Buhafora que as tropas do seu comando atacaram o inimigo de madrugada. A terceira companhia do Tercio estrangeiro, não conseguindo desajajar os mouros com as suas descargas, atacou-os à baioneta.

O general Marzo comunicou ainda que no momento de dar estas notícias, os Regulares de Alhucemas avançam em Tizi-Aziz. As forças tiveram-se nesta passagem, para deixar avançar os carros de assalto e a artilharia pesada. Entre as alturas de Triboli e de Arbol, foram descobertas grandes concentrações inimigas.

O capitão Ortiz, comandante do Tercio, ficou ferido numa perna e no braço em consequência de ter sido atingido pelos estilhaços duma granada inimiga.

GRÉCIA

Um salvador em falência

ATENAS, 8—O sr. Venizelos declarou que se sente exaustado e impotente para levar a bom fim a espinhosa missão de acalmar os espíritos na Grécia, e que, por esse motivo, tenciona abandonar muito em breve o seu país.

JAPÃO

Valores entendidos

TOQUIO, 8—Depois das negociações entre o ministro do Japão em Pequim e o representante dos Soviéticos na cidade, sr. Karachan, os governos russo e japonês publicaram decretos proibindo a permanência dos correspondentes dos jornais de qualquer dos dois países no território do outro.

ITALIA

Um bom burguês

ROMA, 8—O sr. Trucco, fundador de uma conhecida doutrina económica-financeira, foi acusado perante o tribunal, de ter cometido várias *escroquerias* importantes.

Os comícios radicais

Realizam-se hoje em Sintra e em Sacavém os comícios promovidos pelo P. Radical. O comício de Sintra será presidido pelo dr. sr. Bossa da Veiga, usando da palavra os srs. dr. Albino Vieira da Rocha, dr. Lopes de Oliveira, dr. Orlando Marçal, António Joaquim de Magalhães e capitão José Alfredo Paula.

O de Sacavém é presidido pelo sr. Procópio de Freitas, devendo usar da palavra os srs. dr. Santos Monteiro, dr. Amor de Melo, Ciseiros de Faria, Eugénio Vieira, dr. Vasco Fernandes e Luís Cesar de Lemos.

As esquadras feitas tribunais Polícias-barbares em direito?

A sociedade não se moralisa com máquinas de cortar o cabelo nem a policia tem o «direito» de castigar

Não tenho pelas prostitutas o culto romântico que provocou a «Dama das Camélias», as cantatas piegas do derradeiro faduncho e as choradas rasbioticamente sentimentais dalguns ultrahumanitários de meia tija. Quanto mais cortezas e rapinantes elas são quanto as considero; não me deslumbra o brilho postigo dos seus olhos, o desafio enervante da sua carne e a pretendida distinção das suas maneiras. (O vicio exercido a uma muito elevada tarifa revela uma grande e tranquila depravação da alma. Toda aquela imundície sexual, aquela voluptuosidade de aparências enerva e faz arripiar quando se sabe que a representação é feita numa grande frieza e num calculo bem estudado.)

Agors, as cutras, as pobres que sofrem torturas de estomago, que se prostituem a preços reles, com uma indumentaria rudimentar de flanela de algodão, o candieiro de petróleo dumaluz tlimida, o grande e lenpol branco a dar-se ares e função de reposteiro, se não me emocionam é porque a sensibilidade se embota e por todos os dias e algumas vezes ao dia se ter diante dos olhos esse espectáculo com que a miséria e uma desventura determinada e lógica se dão as mãos.

As segundas por mais que a alma se lhes saia na sua depravação sem *decor* ainda é de acôrdo com as laras contraidas, teem o nada reconhecível, mas perfeitamente compreensível sentimentalismo de sustentar esses diabos que filosoficamente entendem que isto de trabalhar, sem ver positivo lucro, só é digno de enorme bando de idiotas que constituem as classes proletárias.

Estes filósofos do «não vale a pena trabalhar» estão também longe de terem mim um admirador incondicional. Sei que o trabalho é uma penitência, onde nem todos querem ser forçados e os que são, aceitam-no na esperança, aliás justa, que só assim terão direito a impôr-se ao egoismo dos ricos num impeto de forte revolta aventada por um sadio critério de justiça. Contudo não se ganha dignidade, vivendo nas tabernas, desprezados esquecidos desta querida pátria, tendo ainda por cima nascido de pais que o foram num momento que os nervos se excitaram e o álcool os desproveu de raciocínio. Nas tabernas, nas ruas imundas de imundos barros, ou se acaba em vadio e para isso não é preciso profissio, ou em policia,

De hi muito que mea população adquiriu por prolongada experiência que a policia não é um prodígio em matéria de subtil raciocínio e que facilmente confunde um «ruiffa» com um indivíduo que nunca o foi. Essa função monstruosa de julgar os homens já de hi muito demonstrou a incompetência dos juizes embora se distribuia génio pelas suas cabeças. Agors os juizes de esquadra, de sabre à cinta e de prosódica duvidosa serão mais competentes dos que andavam por Coimbra a amamentar-se de leite e de noções de direito? O sr. Ferreira do Amaral não terá por certo a pretensão de colocar no mesmo nível mental um bacharel em direito e um policia considerado civico.

Mesmo que se queira aceitar tais prodígios a um policia, mesmo que uma policia veja as coisas como elas são e não através da sua macissa ignorância, a ordem do sr. Amaral é iniqua. A policia nem mesmo a sua mais alta expressão que é incontestavelmente o sr. Ferreira do Amaral não cabe o direito de arrancar «cutras» e «melenas» aos classificados de «ruiffas». Olhe autos para esses desgraçados menores que abandonados a todas as misérias e per-versões serão com certeza os futuros «ruiffas» se não forem aproveitados para a policia. E se manda cortar o cabelo aos «ruiffas» porque não manda ele cortá-lo aos cavalheiros da Associação Commercial e Industrial que exploram os operários, para irem de noite e de

Revolucionários por cotas...

O número último do «Comunista» refere-se ainda aos delegados que estiveram presos em Sevilha para concluir triunfante que os anarquistas são esplendidos elementos para assegurar por largos e bons anos a existência do regime burguês. Como chegou o «Comunista» de Carlos Ratos a essa extraordinária e infinitamente gratuita afirmação? Apegando-se a algumas frases do sr. Domingos Pereira, amassa-as, mete-as no bolso do casaco, depois fá-las aparecer no bolso do colete, coloca-as na palma das mãos, e substitue-as finalmente por outras da sua autoria. O processo é engraçado.

O monopólio do revolucionarismo pertence ao Partido Comunista Português visto que a revolução russa foi dividida em partes proporcionais pelos organismos que mandaram uma adesão a Moscova, à Internacional Comunista, em envelope fechado. Essa adesão habilita Carlos Ratos a trazer no bolso a fogueira russa, a torná-lo revolucionário com carácter permanente, mesmo quando durma, mesmo quando tenha de ir ao teatro. A revolução russa fornece por meio de um carimbo alegórico que mete martelo e foice, atestado de perfeito revolucionário com 21 meticulosos pontos de conduta.

Nós preferimos ser modestos: não temos revoluções no bolso, mas o que fizemos resalta de um esforço directo. E isso é preferível a fazer-nos sócios da revolução russa com lucro evidente para a nossa vaidade, mas sem nenhum resultado efectivo para o proletariado.

O proletariado quando vir anunciada uma sessão de propaganda dos sócios portugueses da revolução russa, vulgo Partido Comunista, não deve lá ir. Sabo porquê? Não sabe? Então ouça o que diz o «Comunista»:

«A massa não está preparada para quê? Para aprofundar a doutrina comunista? E quem pôs-nos em levá-la a esse ponto? Que a massa se mostre disposta a agir,

que ela consinta em se deixar guiar pelo Partido Comunista, eis tudo o que podemos exigir dela.»

A massa, escusa de saber o que é a doutrina comunista. Limita-se a fazer de alimária obediência à rédea do cocheiro, que é o partido comunista, para puchar a charrette vermelha da revolução mundial.

O monopólio do revolucionarismo pertence ao Partido Comunista Português visto que a revolução russa foi dividida em partes proporcionais pelos organismos que mandaram uma adesão a Moscova, à Internacional Comunista, em envelope fechado. Essa adesão habilita Carlos Ratos a trazer no bolso a fogueira russa, a torná-lo revolucionário com carácter permanente, mesmo quando durma, mesmo quando tenha de ir ao teatro. A revolução russa fornece por meio de um carimbo alegórico que mete martelo e foice, atestado de perfeito revolucionário com 21 meticulosos pontos de conduta.

Nós preferimos ser modestos: não temos revoluções no bolso, mas o que fizemos resalta de um esforço directo. E isso é preferível a fazer-nos sócios da revolução russa com lucro evidente para a nossa vaidade, mas sem nenhum resultado efectivo para o proletariado.

Não deixem de ler amanhã o SUPLEMENTO —DE— A BATALHA SEMANÁRIO ILUSTRADO DE NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

SUMÁRIO

A Cavalcada do Ideal (com alegoria).
A liquidação do Grupo «Seara Nova».

Os contos do «Suplemento» — História duma velha soberba por Augusto Pinto.

Arte e pensamento em fronteiras — Os intelectuais alemães e a sua situação perante os intelectuais latinos, por Ferreira de Castro.

Música russa — A propósito dos concertos orfeônicos russos, por Nogueira de Brito (com gravuras).

O álcool e os seus derivados, pela Dr.ª Adelaide Cabete (com gravuras).

Não matorás, trágico-comédia por César Pinto (continuação dos números anteriores).

O que todos devem saber... Secção de descobertas científicas e de conhecimentos úteis.

Chico, Zecas & C.ª — Página recreativa e instructiva para crianças (com gravuras).

Organizai-vos! — Caricaturas.

Fotografia artística — O Inverno — Cliché de António dos Santos.

Pelo seu grande interesse, pela sua palpitante actualidade e pela amenidade da sua leitura, interessa a todos adquirir amanhã o SUPLEMENTO SEMANAL ILUSTRADO DE «A BATALHA»

SECÇÃO NATURISTA ::

O problema do alcoolismo em Portugal

O alcoolismo está preocupando seriamente todos os homens que se interessam pelo progresso da Humanidade, pois esse grande flagelo tem sido o maior obstáculo à evolução física e moral dos povos, e em toda a parte do mundo se está realizando uma intensa propaganda contra este mal, principalmente na América, na Alemanha, na Inglaterra e na Suécia.

O alcool, atrofiando as células vitais e abafando a consciência do indivíduo, torna este incapaz de procriar seres dignos à sociedade, eis porque os filhos dos alcoólicos são sempre uma desgraça, fracos e raquíticos, candidatos ao crime, ao idiotismo, às maiores prevaricações.

Basta ler as estatísticas médicas, os boletins dos hospitais de doentes, e dos estabelecimentos criminais, para termos uma convicção positiva dos grandes perigos do alcoolismo, pois na realidade há grande flagelo tem causado mais mortes do que todas as guerras que tem avassalado o mundo.

Portugal é um dos países onde o alcoolismo se manifesta com mais intensidade, e por isso todos os dias temos a lamentar desgraças, não esquecendo que uma das causas da grande ignorância do povo português, é exactamente devido ao uso excessivo das bebidas alcoólicas.

As tabernas no nosso país, contam-se aos milhares, não obstante, uma propaganda metódica mas enérgica, tendente a criar uma corrente anti-alcoólica de maneira a encerrar esses antros de perdição, ainda não se realizou.

O alcoolismo em Portugal, constitui uma fonte de riqueza e de se utilizam todas as entidades importantes do meio social existente.

Lucram os lavradores, pois a vinicultura rende bom dinheiro; lucram os taberneiros, pois que à medida que vão envenenando o público bebedor, se vão enriquecendo; lucra a medicina, porque sendo o alcool um veneno vai provocar doenças, dando assim que fazer aos médicos; lucram os tribunais, os magistrados e a polícia, pois que, sendo o alcool um factor da desordem e do crime, essas entidades não poderiam viver, se esses males não existissem; lucram os partidários do actual sistema social existente, pois sendo a ignorância e a

inconsciência dos que trabalham, um dos seus melhores sustentáculos, há a conveniência em manter esse vício em bruto.

As leis que contra o alcoolismo se decretam, são inúteis e por isso não devemos nelas acreditar, uma vez que não sejam a resultante duma imposição enérgica, consequência duma forte organização anti-alcoólica que conseguisse criar uma corrente de opinião pública importante.

Há tempos o sr. Ferreira de Simas apresentou, na melhor das intenções, um projeto de lei, que mais tarde foi aprovado, lei esta, que tinha por objectivo fazer diminuir o uso das bebidas alcoólicas, proibindo o estabelecimento de novas tabernas.

Porém, logo de entrada, a lei começou a ser alterada com o regulamento que lhe foi introduzido, de maneira que os bebedores de alcool, podem continuar, depois de 21 horas, a entregarem-se ao vício, uma vez que estejam mastigando um carapau, por exemplo...

O parlamento, que tem por missão defender os interesses dos grandes poderes, ao aprovar a lei anti-alcoólica já sabia que ela não seria cumprida.

Porém, sendo o problema do alcoolismo a preocupação dos países mais civilizados, o parlamento aproveitou o momento para demonstrar, embora illusoriamente, que se preocupava com as questões de interesse social.

A lei do sr. Ferreira de Simas, com o regulamento que lhe foi introduzido, constitui uma banalidade, da qual nada podemos esperar, sem um movimento anti-alcoólico não surgir, de maneira a aproveitar na sua essência o que ela tem de bom.

Bom seria que a propaganda contra o alcoolismo se intensificasse de maneira que dela se aproximasse, oficialmente, os sindicatos operários, as associações médicas, morais e libertárias, pois seria a melhor maneira de criar uma atmosfera anti-alcoólica no país, e assim a lei que hoje representa uma farsa, amanhã seria o reflexo da vontade impositiva por uma grande corrente, tal como sucede na conquista das grandes liberdades.

Lion de CASTRO

DESPORTOS ::

Excentricidades no desporto

Não são os alemães muito excentrícos, é justo dizer-lhes. Porém a recente inovação apresentada por um engenheiro belga vem fazer pairar um sorriso de incredulidade nos lábios daqueles que dela tomam conhecimento.

Esta inovação é destinada aos corredores de ski, e os amadores de fortes emoções devem sentir-se felizes com ela, pois que lhes é dado atingir velocidades vertiginosas.

Consta num curioso e incómodo aparelho, dum aparelho fixado às costas do skieur, o qual faz mover uma hélice, que imprime a velocidade desejada. Este motor, apesar de simplificado ao máximo, tem ainda um peso respeitável, donde deriva o tornar-se incómodo para o portador. Ao mesmo tempo a rotação da hélice deve produzir um estremeceamento contínuo desagradável ao último grau.

E' de calcular que nunca venham a figurar nas provas olímpicas as corridas de ski com motor.

Futebol

Campeonato de Lisboa

Desafios marcados para hoje:
1.ª Divisão — 1.ª categoria: — Benfica contra Imperio, em Palmela, às 15,30 horas; juiz o sr. Silvestre Rosmaninho; fiscais de linha Fernando Santos e Carlos José Pires. 2.ª categoria: — Benfica contra o Imperio, em Benfica, às 13 horas; juiz o sr. António Martins. 3.ª categoria: — Benfica contra Imperio, em Benfica, às 15 horas; juiz o sr. Carlos Monteiro. 4.ª categoria: — Benfica contra Imperio, em Benfica, às 11 horas; juiz o sr. Mário Paixão.
2.ª Divisão — 1.ª categoria: — União Lisboa contra Carcavelinhos,

em Palmela, às 13,30 horas; juiz o sr. Domingos Espada; fiscais de linha Alfredo Pedrosa e A. Espírito Santo. 2.ª categoria: — União Lisboa contra Carcavelinhos, no Campo Grande, às 15 horas; juiz o sr. Rui Costa. 3.ª categoria: — União Lisboa contra Carcavelinhos, no Campo Grande, às 13 horas; juiz o sr. Artur Frias. 4.ª categoria: — União Lisboa contra Carcavelinhos, no Campo Grande, às 11 horas; juiz o sr. Rogério Teixeira de Sá.

Promoção — 3.ª categoria: — White Star contra Chelas, no Campo Grande A, às 11 horas; juiz o sr. Francisco dos Santos.
Bom Sucesso contra Fátimas, no Bom Sucesso, às 12 horas; juiz o sr. Homero Serra. 4.ª categoria: — Ocidental contra Fátimas, em Palmela A, às 10 horas; juiz o sr. Antero Vareja.

Provas Escolares. — Escolas Superiores. — 1.ª Divisão: Instituto Superior Técnico contra Faculdade de Ciências, às 9,30 horas; juiz o sr. António Braz. Faculdade de Medicina contra Escola Militar, às 11,30 horas; juiz o sr. Artur Santos. 2.ª Divisão: Instituto Superior de Medicina Veterinária contra Instituto Superior de Agronomia, às 13,30 horas; juiz o sr. Alberto H. Conceição.

Escolas Secundárias. — Grupo B (1.ª Divisão): Escola Académica contra Colégio Militar, às 15,30 horas; juiz o sr. Vítor Coral. Fiscais de linha — 2 dos Pupilos. — Grupo B (2.ª Divisão): Liceu Pedro Nunes contra Escola Pátria, às 9,30 horas; juiz o sr. A. Franco de Araújo. Fiscais de linha — 2 do Liceu Passos Manuel. Escola Agrícola contra Liceu Passos Manuel, às 11 horas; juiz o sr. Carlos Vilar. Fiscais de linha — 2 do Liceu Pedro Nunes. — Grupo A:

LISBOA NA RUA

Rendimentos dos operários

Ontem de manhã encontravam-se sobre uma prancha colocada em dois cavaletes, picando o costado na prôa do vapor português «Horizonte», que se encontra há tempos em reparação na doca seca de Caxilhas, dois operários de nome David Augusto, residente na travessa do Terreiro a Santa Catarina, 13, 3.ª e Inácio Moreira, natural de Cabo Verde, os quais em dado momento por ter resvalado um dos cavaletes caíram no solo. Socorridos pelos companheiros foram conduzidos para Lisboa, sendo pensados ligeiramente no posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço. Mais tarde foram conduzidos para o hospital de São José, onde o cirurgião de serviço verificou que ambos apresentavam contusões pelo corpo e fractura da perna direita, pelo que recolheram a sala de observações.

Atropelamento

Na enfermaria n.º 7, do hospital do Desterro, deu entrada José da Silva Reis, de 14 anos, corticeiro, residente em Arrentela, que ali foi colhido por um camião, ficando contuso pelo corpo.

Agressão

No banco do hospital de São José recebeu curativo Oscar Domingos da Silva, residente na Praça da Alegria, 44, 2.ª Esq., que no Largo Camões foi agredido com uma chicotada, ficando ferido no rosto.

Queda de estrada

Na sala de observações, do banco do hospital de São José, deu entrada André de Sousa Ramos, oficial de diligências, residente em Entre-Campos, 33, 1.ª, que caiu na mesma rua, fracturando o braço direito.

LEIAM, PROPAGUEM:

A LIBERDADE
B. Lazare \$50
Descontos aos revendedores e aos grupos de propaganda

Barreiro — M. J. D. — Assinatura paga até 29 de Fevereiro.
Pôrto — M. F. — Suplemento lica pago até 31 de Março. A. R. — Ainda não recebemos o vale de 30\$00. Está pago até 30 de Novembro.
Vizeu — Agente — Recebido 54\$15.
Pampilhosa do Botão — Agente — Recebido 12\$32.
Coimbra — M. C. D. — Recebido 2\$50.
Adolfo de Freitas. — Podeis utilizar o rápido quando julgardes conveniente.

Barreiro — M. J. D. — Assinatura paga até 29 de Fevereiro.

Pôrto — M. F. — Suplemento lica pago até 31 de Março. A. R. — Ainda não recebemos o vale de 30\$00. Está pago até 30 de Novembro.

Vizeu — Agente — Recebido 54\$15. Pampilhosa do Botão — Agente — Recebido 12\$32.

Coimbra — M. C. D. — Recebido 2\$50. Adolfo de Freitas. — Podeis utilizar o rápido quando julgardes conveniente.

Barreiro — M. J. D. — Assinatura paga até 29 de Fevereiro.

Pôrto — M. F. — Suplemento lica pago até 31 de Março. A. R. — Ainda não recebemos o vale de 30\$00. Está pago até 30 de Novembro.

Vizeu — Agente — Recebido 54\$15. Pampilhosa do Botão — Agente — Recebido 12\$32.

Coimbra — M. C. D. — Recebido 2\$50. Adolfo de Freitas. — Podeis utilizar o rápido quando julgardes conveniente.

Barreiro — M. J. D. — Assinatura paga até 29 de Fevereiro.

Pôrto — M. F. — Suplemento lica pago até 31 de Março. A. R. — Ainda não recebemos o vale de 30\$00. Está pago até 30 de Novembro.

Vizeu — Agente — Recebido 54\$15. Pampilhosa do Botão — Agente — Recebido 12\$32.

Coimbra — M. C. D. — Recebido 2\$50. Adolfo de Freitas. — Podeis utilizar o rápido quando julgardes conveniente.

Barreiro — M. J. D. — Assinatura paga até 29 de Fevereiro.

Pôrto — M. F. — Suplemento lica pago até 31 de Março. A. R. — Ainda não recebemos o vale de 30\$00. Está pago até 30 de Novembro.

Vizeu — Agente — Recebido 54\$15. Pampilhosa do Botão — Agente — Recebido 12\$32.

Coimbra — M. C. D. — Recebido 2\$50. Adolfo de Freitas. — Podeis utilizar o rápido quando julgardes conveniente.

Barreiro — M. J. D. — Assinatura paga até 29 de Fevereiro.

Pôrto — M. F. — Suplemento lica pago até 31 de Março. A. R. — Ainda não recebemos o vale de 30\$00. Está pago até 30 de Novembro.

Vizeu — Agente — Recebido 54\$15. Pampilhosa do Botão — Agente — Recebido 12\$32.

Coimbra — M. C. D. — Recebido 2\$50. Adolfo de Freitas. — Podeis utilizar o rápido quando julgardes conveniente.

Barreiro — M. J. D. — Assinatura paga até 29 de Fevereiro.

Pôrto — M. F. — Suplemento lica pago até 31 de Março. A. R. — Ainda não recebemos o vale de 30\$00. Está pago até 30 de Novembro.

Vizeu — Agente — Recebido 54\$15. Pampilhosa do Botão — Agente — Recebido 12\$32.

Coimbra — M. C. D. — Recebido 2\$50. Adolfo de Freitas. — Podeis utilizar o rápido quando julgardes conveniente.

Barreiro — M. J. D. — Assinatura paga até 29 de Fevereiro.

Pôrto — M. F. — Suplemento lica pago até 31 de Março. A. R. — Ainda não recebemos o vale de 30\$00. Está pago até 30 de Novembro.

Vizeu — Agente — Recebido 54\$15. Pampilhosa do Botão — Agente — Recebido 12\$32.

Coimbra — M. C. D. — Recebido 2\$50. Adolfo de Freitas. — Podeis utilizar o rápido quando julgardes conveniente.

Barreiro — M. J. D. — Assinatura paga até 29 de Fevereiro.

Pôrto — M. F. — Suplemento lica pago até 31 de Março. A. R. — Ainda não recebemos o vale de 30\$00. Está pago até 30 de Novembro.

Vizeu — Agente — Recebido 54\$15. Pampilhosa do Botão — Agente — Recebido 12\$32.

Coimbra — M. C. D. — Recebido 2\$50. Adolfo de Freitas. — Podeis utilizar o rápido quando julgardes conveniente.

Barreiro — M. J. D. — Assinatura paga até 29 de Fevereiro.

Pôrto — M. F. — Suplemento lica pago até 31 de Março. A. R. — Ainda não recebemos o vale de 30\$00. Está pago até 30 de Novembro.

Vizeu — Agente — Recebido 54\$15. Pampilhosa do Botão — Agente — Recebido 12\$32.

Coimbra — M. C. D. — Recebido 2\$50. Adolfo de Freitas. — Podeis utilizar o rápido quando julgardes conveniente.

Barreiro — M. J. D. — Assinatura paga até 29 de Fevereiro.

Pôrto — M. F. — Suplemento lica pago até 31 de Março. A. R. — Ainda não recebemos o vale de 30\$00. Está pago até 30 de Novembro.

Vizeu — Agente — Recebido 54\$15. Pampilhosa do Botão — Agente — Recebido 12\$32.

Coimbra — M. C. D. — Recebido 2\$50. Adolfo de Freitas. — Podeis utilizar o rápido quando julgardes conveniente.

TEATROS & CINEMAS ::

Os cossacos de Kuban

O seu 1.º concerto no Teatro São Luís

Cossacos do exército branco de Wrangel, ou simplesmente cossacos, que nos importa, se fomos ouvir os cantores e não os soldados. Se essas belas gargantas são efectivamente as dos combatentes anti-bolcheviques, contentamo-nos em saber que o impulso de revivência czarista se quebrou de encontro à muralha de fé que alimenta as tropas soviéticas na defesa do seu ideal. E' natural que duplamente o estimemos porque se assim não fora não teríamos certamente tanta oportunidade em ouvir esse interessante grupo orfeônico, e a hipótese da vitória militar, estaria no entredito em abalar sob a pata dos seus cavalos os clamores da enorme onda dos oprimidos, que ainda assim (porque não havemos de confessá-lo) não attingiu a sua completa emancipação económica e social.

Da sua envergadura belicosa, os cossacos de Kuban, conservam somente à cima, numa imobilidade arripante para o mundo do capital e do privilégio, o seu punhal longo e afiado, a túnica descaída agora em attitude fradesca, e a bota alta de cavaleiro. Mas ficou-lhes a garganta pura que deveria ter sido sempre a única arma com que enfrentaríamos a vida de fúteis servidores da dinastia russa.

E' curiosa a disposição do pequeno orfeon no palco do São Luís: formados em dois arcos de círculo que quasi se tocam, os cossacos marcam o centro e os remates com três das suas mais elevadas estaturas. As suas fisionomias são melancólicas, sobrepostas as mãos à altura da cintura dir-se-ia que estavam em presença dum coro de profetas monásticos.

Sokoloff o regente, entra sempre pela porta da direita da scena e percorre em passo de penitente o espaço que vai desde o extremo até ao antepalco, par de cossacos que, em combinação com o múltiplo, se abre para lhe dar passagem. Sai sempre que cada número termina, rompendo para isso a parte central do arco orfeônico. E assim invariavelmente até ao fim do concerto.

E' do grande compositor norueguês Svendsen, o «Ao entardecer». O coro desce-se logo no esplêndido naipe de «baixos» chamando a atenção da assistência o baixo absoluto que ocupa a terminação esquerda do orfeon, dum loiro de espiga de trigo, barto e cujo olhar duro se descobre através das limpezas duma luneta quasi colada aos olhos.

O nome do célebre músico escandinavo, traz-nos à memória o formoso «Octeto», que há anos ouvimos à Sociedade de Música de Câmara, sob a direcção de Miguel Angelo Lambertini.

CARTAZ

S. CARLOS — A 21 — «Trovação». NACIONAL — A 21 — «Carta Anónima». S. LUIS — A 21 — «Cossacos de Kuban». A 15 — «Matinée». — Concerto Sinfónico pela Orquestra Blanch. TRINDADE — A 21 — «Aquele olhar...». POLITEAMA — A 21, 30 — «A greve geral». A 15 — Concerto pela Orquestra Sinfónica de Lisboa. APOLO — A 21, 15 — «Fruto Proibido». AVENIDA — A 21, 30 — «O Povo do Bispo». EDEN TEATRO — Não há espectáculo. MARIA VICTORIA — Não há espectáculo. COLISEU DOS RECREIOS — A 21 — Grande companhia de circo. A 14, 30 — «Matinée». GIL VICENTE — A 21 — «Amor engarrafado».

OLIMPIA — A 21, 30, 50 — Animatógrafo. SALAO FOZ — A 14, 30, 50 — Varietades. CHADO TERRASSE — A 14, 30, 50, 30 — Animatógrafo. CONDES (Avenida) — Animatógrafo. CENTRAL (Avenida) — Animatógrafo. GINSE-PAIS (Rua Ferreira Borges) — Animatógrafo. IDEAL (Loreto) — Animatógrafo. ROSSIO (Arco Bandeira) — Animatógrafo. CHATEAU (Praça dos Restauradores) — Fitas faladas. PROMOTORA (Largo do Calvari) — Animatógrafo. EDEN-CINEMA (Rua do Alito) — Animatógrafo.

Festas artísticas

E' amanhã que, no Eden realiza a sua festa artística a gentil dividel Laura Costa, que é das mais queridas e apreciadas do público.

Nessa noite reaparecerá a revista «Tic

Svendsen, contemporâneo de Grieg merecia bem que as nossas orquestras e os nossos concertistas o tornassem conhecido. Todo o mundo culto conhece as suas rapéddias, os seus sinfonias e os seus «lieders», só nós o desconhecemos. Não seria tempo do seu nome figurar nas nossas audições?

O segundo número é de Tchaikowsky «A legenda de Cristo» é portanto o primeiro trecho russo com todo o italianismo de que se ressentem as composições do autor da Sinfonia patética. Depois na «Canção dos barqueiros do Volga» arranjo de Sokoloff, na Krasni-Sarafen, o coro faz brilhar mais os seus componentes, sendo nesta última muito bem dito o solo do tenor Leporsky, que canta com delicado sentimento.

Fecha a primeira parte com a «Prece do cossaco antes da batalha» que tem bastante carácter.

No intervalo as conversas das pessoas que sabem que é música dão-nos a impressão da expectativa.

Segunda parte do programa: Glinka é dos maiores entre os «grandes músicos» russos. O orfeon canta com uma soberba cor e realce «A estrela do Norte». Começa a estar definitivamente assegurado o seu éxito. As pessoas que percebem saem da sua attitude reservada e aplaudem desabrigadamente. E' que o ouvinte começa a sentir pelo treino do ouvido e pela qualidade dos trechos, que se trata de autentica música russa. «Os dois gigantes» de Napravnik que o coro interpreta muito bem, tem uma curiosa beleza de colorido e de movimento.

Na serenata de Abt «Noite de amor» o tenor Leporsky imprime às composições um ligeiro resabio napolitano.

Desviemo-nos de novo, do carácter musical russo em que voltamos a cair na «Fantasia russa» em que brilha a bonita voz de barítono de Friklin.

Interesse vai crescendo e a terceira parte revela-nos mais um tenor Kucheroff que na ópera de Nienchensky. «Os escravos» tem um curto mas inspirado solo um pouco genérico «barcarola» «O mar» de Choumoff e «Sobre a neve» de Warlamoff, produzem sensação na assistência. Pelo naipe dos baixos e dos barítonos temos a ilusão de que passa a vibração de cordas de contrabaixos e violoncelos.

O concerto termina com a «Marcha dos cossacos» de Kolatila, o mesmo autor da «Prece» da primeira parte. E' um número de efeito, que obteve uma primorosa execução que seria bisada com outros números o fórum, se não houvesse a custódia pressa dos espectadores em sair da sala quando mal terminados estão os últimos compassos.

Nogueira de BRITO

Tic, amplamente remodelada e actualizada, com atracções para essa noite, e também, com a novidade da estreia de três números, «A fadista», «A cega» e «Chora Chica», todos interpretados pela festividade.

Noticias

A Companhia Lucília Simões-Erico Braga, que está realizando uma temporada no Sá da Bandeira, do Pôrto, reparecerá em São Carlos, logo que findem as récitas da companhia de ópera. — Os 5 números novos com que, na terça-feira, será ampliada a revista «Fruto Proibido», em scena no Apolo, e que se intitulam «Menina dos mares», «Eterna História», «Ministro das Compressões», «O novo pobre» e «O Idealista», serão respectivamente, interpretados por Elisa Santos, Lina Demol, Holbeche Bastos, Aurélio Ribeiro, Alfredo Silva e Artur Rodrigues.

Rêclames

O teatro Nacional representa hoje e amanhã, para grande concorrência e não menor gargalhada, a interessantíssima comédia «Carta Anónima», a que os intérpretes dão um desempenho soberbo.

— Completa esta noite no Apolo, 44, representações a famosa revista «Fruto Proibido», que vai à scena com o novo número «Gordos e magros» e em que

Meu pai, eu pequei contra o céu e contra si. Já não sou digno que me chame seu filho; trate-me como um dos seus servos.

Levantou-se e foi ter com o pai. Ainda lá longe da casa quando este o avistou, e cheio de compaixão correu a ele abraçando-o.

E o filho disse-lhe:

— Meu pai, eu pequei contra o céu e contra si; e por isso já não sou digno que me chame seu filho.

Então o pai disse aos seus servos: Trazei a melhor das túnicas e vesti-a a meu filho; metei-lhe um anel no dedo e calçai-o bem.

Trazei também uma vitela das mais gordas e matai-a; comamos à regalia; porque meu filho estava morto e resuscitou; estava perdido, e encontrei-o.

— Oh! que bom pai, disse a criança que o jovem mestre de Nazaré tinha no colo; oh! que bom e terno pai, que perdoa e abraça em lugar de ralhar!

Jesus sorriu, beijou a criança na testa e continuou:

«Começaram, pois, o banquete. Contudo, o filho mais velho, que estava no campo, voltou, e quando se aproximou da casa, ouviu o concerto e o ruído dos que dançavam.

Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo.

O servo respondeu-lhe «Foi vosso irmão que voltou, e seu pai mandou matar a vitela gorda, porque encontrou vosso irmão de boa saúde».

O que tendo encolerizado o filho mais velho, este não quiz entrar; e o pai saiu para lhe pedir que entrasse.

E o filho deu-lhe esta resposta: «Há tantos anos que o sirvo, e que nunca lhe desobedei; e contudo nunca me deu sequer um cabrito para me divertir com os meus amigos; mas logo que voltou o outro filho, que dissipou os seus bens com mulheres perdidas, mandou matar para ele a vitela gorda».

— Oh! como era mau o tal filho mais velho! disse a criança que o jovem mestre tinha no colo; teve in-

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

Praia da Nazaré

O Carnaval

PRAIA DA NAZARÉ, 7 — Provindo da caliginosa noite da ignorância e da brutalidade humana que caracterizam os homens primitivos de rudimentaríssima organização mental, o «Carnaval» esse velho hediondo e repulso, carniceiro, bêbedo, demente e imoral, teve mais uma vez a sua trágica e estúpida e anacrónica consagração. O povo, a eterna vítima irredimida, o bode expiatório dos criminosos desejos e ruins paixões de toda uma verdadeira multidão de impostores, gananciosos e charlatães; o povo, esse indolente e pachorrento «Cristo» escarnecido, cuspidor, vilipendiado, perseguido e crucificado pelos farséis do Comércio e da Indústria, parecendo olvidar a sua duplamente trágica e calamitosa situação económica e social, entregou-se, durante três dias, com satânico frenesi, às cenas mais incoerentes e insensatas, assumindo assim uma attitude de indubitável tergiversação porventura de indulgência perante os criminosos exploradores da sua grande miséria. O entusiasmo popular, posto na consagração do Deus «Bacho» não differiu coisa alguma em relação aos anos anteriores, e nos bailes carnavalescos, que eram em número avultado, rodopiou-se vertiginosamente até de madrugada.

Só a burguesia e os «novos ricos» que têm o conhecimento perfeito do verdadeiro significado do Carnaval, afectando uma moral superior à dos outros, não se deixaram influenciar pelo contagiado imano dos andrajosos e esfomeados foliões, vindo para a praça patear ao público espectador a hediondez do seu verdadeiro carácter, limitando-se, porém, a festejar o carnaval em suas casas, recatada, tranquila e socorridamente por meio de abundantes comessinas e copiosas libações, cónscios de que as suas vítimas estão longe de pensar em enveredar pelo caminho da sua emancipação e consequentemente não podendo ser perturbadas em suas pantagrélicas digestões. — C.

Cabeço de Vide

Propaganda sindical

CABEÇO VIDE, 7. — Realizou-se no Sindicato dos Trabalhadores Rurais desta localidade uma sessão de propaganda, que esteve muito concorrida.

Usou em primeiro lugar da palavra, Júlio Manoel Madeira, que leu a assistência «A Batalha» de 23 de Fevereiro última que referia a manifestação contra a carestia da vida. A assembleia acolheu a leitura e os comentários do orador, com grandes manifestações de entusiasmo.

Usaram da palavra na mesma ordem de ideias Francisco José Realinho, Pedro Fonseca e Roque Meira que pronunciaram vibrantes discursos de simpatia pela «A Batalha» e defenderam os métodos do sindicalismo revolucionário.

Foi também apreciado o facto do Secretariado Nacional de Assistência Juvenil ter enviado a João Maria Sardinha a quantia de 200 escudos por este gasto no advogado, de excellentes impressões tendo alguns dos assistentes feito inscrever a todos do sindicato.

A sessão terminou cerca da uma hora da madrugada.

A propaganda sindicalista tem conseguido realizar belos resultados junto dos trabalhadores que cada vez mais vão desprezando os ma

